

Sem médicos e enfermeiros, HRT dá prioridade aos doentes jovens

ANA DELMONTE

O Pronto-socorro do Hospital Regional de Taguatinga (HRT) sucumbiu ao caos da saúde pública. Falta de médicos e enfermeiros, filas enormes e macas no corredor fazem parte de uma rotina agravada pela descaracterização do atendimento emergencial. Doentes que deveriam estar nas enfermarias, ocupam os leitos do pronto-socorro e chegam a aguardar até 15 dias por uma cirurgia ortopédica. Na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), a situação não é diferente. A falta de leitos obriga a uma espécie de roleta da vida, onde o atendimento prioritário é dado aos pacientes mais jovens ou com maiores chances de sobrevivência.

“Se fizéssemos uma triagem, veríamos que apenas 10% das pessoas que estão na fila precisam de atendimento de emergência, o resto deveria ser atendido nos centros de saúde ou nos ambulatórios”, explica o chefe da equipe do pronto-socorro, Alberto Salame. Cada um dos 12 médicos do plantão de emergência atende uma média de 70 pacientes por dia.

Desmaio - Os reflexos da sobrecarga de trabalho são visíveis. Na manhã de ontem, a adolescente Patrícia Brumano, de 15 anos, desmaiou após aguardar cinco horas na fila. Socorrida pela mãe, esperou pelo atendimento deitada no banco do corredor do emergência. “A menina passou mal a noite inteira e estamos aqui desde às 6h00 da manhã”, protestou a mãe, Argentina de Souza.

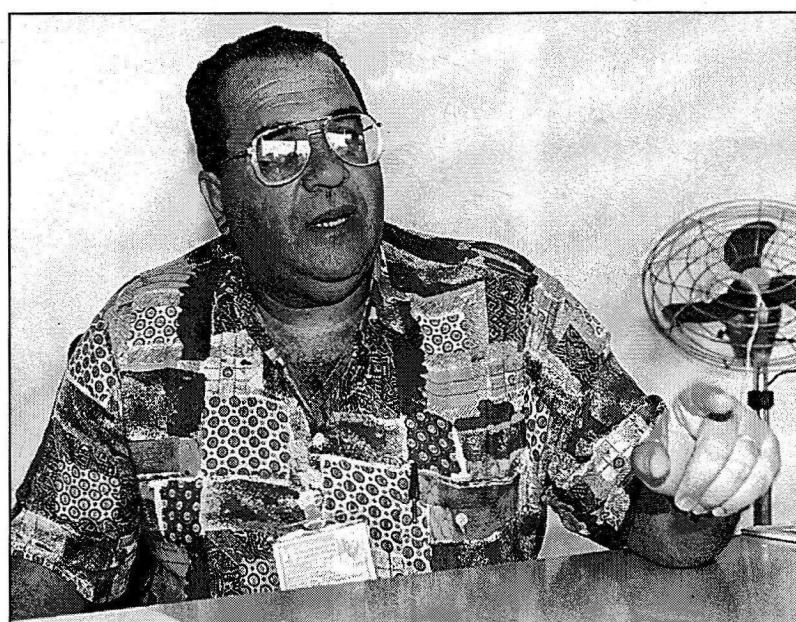
Na ala de internação da emergência – onde as pessoas deveriam permanecer no máximo por 48 horas – a situação agrava-se. Pacientes aguardam há dias uma cirurgia. “Faz duas semanas que estou aqui com minha mãe, que espera uma cirurgia no fêmur. Aqui, se não tiver acompanhante, não tem quem cuide do doente”, indignou-se Faustina Alves da Costa.

Com capacidade para 60 pacientes, a ala de internação abriga em média 125 pessoas diariamente. Para acomodar tantos doentes, macas e cadeiras de roda transformam-se em leitos, obstruindo os corredores. A distância entre as camas não chega a um palmo. “Aqui falta tudo, até roupa de cama”, reclamou a dona de casa Maria de Lourdes, enquanto tomava soro sentada em um banco.



Fotos: Francisco Stuckert

Corredores lotados com pacientes em macas retratam o caos no atendimento do Hospital de Taguatinga



Antônio Francisco, diretor do HRT, diz que falta até motorista

Ambulância - O diretor do hospital, Antônio José Francisco Santos, explicou que a deficiência de profissionais é grande, principalmente na ortopedia, cardiologia e clínica médica, que tem apenas 35% dos médicos que deveria ter. Falta até agente administrativo. “Tem dia que a ambulância está no pátio e não tem quem dirija”. É exatamente o quadro reduzido de médicos que sobrecarrega a emergência. Sem poder ser atendido no ambulatório, o paciente vai ao pronto-socorro.

“A concepção de emergência está errada. É preciso aumentar o fluxo de

atendimento ambulatorial e fazer com que mais pessoas sejam atendidas nos centros de saúde”, enfatizou Antônio Santos. Para o diretor do HRT, só o Projeto de Remodelação do Modelo Assistencial (Rema), desenvolvido em parceria com a Fundação Hospitalar do Distrito Federal, vai poder desafogar as emergências. “A proposta prevê o fim do disque-consulta e um maior acesso da população aos centros de saúde, que deverão funcionar, no mínimo, 12 horas por dia. O projeto deverá ser executado no início ainda no primeiro semestre”.